



IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL

Tradição: Huiracocha

Patriarca: Tonapa

ANO IV - N.º 43

Arcanjo da Estação Primavera: Raphael

Outubro 2006

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.

Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

Origem da ordem dos Rosa – Cruzes II

Continuação

Temos aqui o símbolo da Rosa-Cruz, com as suas diversas significações, sobretudo do Ensino Esotérico ligado ao Cristianismo, dos Antigos Mistérios fundidos com os da Cruz, do amor crucificado no mundo, e dos segredos da natureza, como revelação do espírito na matéria. Outros “Romances da Rosa” foram ainda publicados, especialmente por Arnoldus Villanova, o famoso doutor provençal (nascido cerca de 1243); pelo seu principal aluno Lullius (1235-1325), cognominado “Doutor Illuminatus”, o iniciado que com ele estava sentado aos pés dos grandes mestres na Espanha, e antes deles, também por Ortholanus e Roger Bacon (1214-1294), denominado “Doutor Admirabilis”, e no século XV, por Nicolas Flamel, o célebre médico de Paris (1330-1413), que dedicou sua “Rosa Mística” a Vênus, no mesmo espírito com que os Cristãos consagram a rosa a Maria.

É provável que todos esses iniciados tenham fundado, sob o mesmo símbolo da Rosa-Cruz, sociedades onde pudessem prosseguir no seu ideal sem serem

inquietados. O “Rosarium”, de Arnauld de la Villeneuve, trata, nitidamente, de uma “Societas Physicorum”.

Raimundo Lullo fala também de uma associação análoga em sua “Teoria” e faz menção de um “Rex Physicorum”. Em seu “Theatrum Chemicum Argentoratum”(1613) é mencionado um Bispo de Trèves, conde Von Falkenstein, como o muito famoso e muito esclarecido príncipe e pai dos filósofos do século XVI.

Esse Von Falkenstein é conhecido como um dos primeiros Rosa-Cruzes, Karl Kiesewetter, cujo trisavô foi “Imperator” da Ordem dos Rosa-Cruzes no século XVI-II, fornece a prova de que Von Falkenstein pertencia à Ordem, baseando-se em uma série de manuscritos, transcritos por seu antepassado durante o longo exercício de suas funções, de 1764 a 1802; essas cópias, que ficaram em poder de seu trineto. (1 – essas cópias foram posteriormente destruídas no incêndio da casa de Karl Kiesewetter) permitiram a este último descobrir dados de mais alta importância sobre a história da Ordem (2 – Ver seu estudo sobre os Rosa-Cruzes em “Der Sphinx”, editado pelo Dr. Hubbe Schleiden, número de janeiro de 1886 e reproduzido em “The Theosophist” de abril de 1886) . Nesses manuscritos, denominados “Compendium Totius Philosophiae et Alchemiae Fraternitatis Rosae Crucis ex

Mandato Serenissimi Comitatus de Falkenstein, Imperatoris Nostri, Anno Domini 1374" (3 – Que a Ordem dos Rosa-Cruzes tenha existido sob esta forma está abundantemente provado em minha obra, embora aleguem alguns que as provas exteriores dessa existência são deficientes, Waite e Gould são igualmente afirmativos. Este último escreve em sua "História abreviada da francmaçonaria", página 71: "É fato provado que a metade do mundo cientista na Europa se chamava explicitamente Rosa-Cruz, reunia-se sob essa denominação e escrevia livros. Se isso não prova a existência real de uma reunião de seres, é difícil dizer o que poderia provar), menção é feita, pela primeira vez, da Fraternidade Rosa-Cruz e do título de "príncipe e pai dos filósofos", assim como o de "Imperator", dado ao chefe da Fraternidade.

(Cap.I da "Histoire des Rose-Croix" de Fr. Wittermans)- Gnose dezembro 1936

O pensamento Grego - II

(continuação)

Antes como depois desse progresso, os advinhos, os intérpretes de presságios continuam seu mister e cada indivíduo é livre, conforme o seu grau de cultura, de dar mais ou menos valor à arte que praticam. O Estado, esse, desinteressa-se absolutamente de tudo isso, exceto se trata de por cobro a alguma escandalosa impostura. Os "hieropeus" (hieropoiói) em Atenas exerciam tal fiscalização. Mas, em geral todas as formas inferiores dessa postura, consistente na observação ansiosa dos objetos materiais e explicações artificiais dos presságios e que degenerava em profissão ou comércio de caráter baixo e cupido, todas elas foram logo, em massa, rejeitadas para domínio da superstição (deisidaimonia). Somente a adivinhação dimanada de

uma disposição especial do espírito exaltado pela vizinhança da divindade conservou, na vida pública dos helenos, séria importância".

Tudo isso porque, para a gnose, pensar por si, andar por si, crescer por si, tal o patrimônio moral, sacratíssimo, para a filosofia gnóstica.

Quereis sentir, bem clara, a diferença dos dois princípios, o gnóstico e o asiático? Sabeis, senhoras e senhores, que as "logias", fundamento primitivo dos evangelhos sinópticos eram aforismos claramente gnósticos. Todo o Novo Testamento, aliás, na sua parte mais sã, revela declarada influência gnóstica.

Nas celebres bem-aventuranças do Evangelho de Mateus, o texto grego da primeira diz assim: "Makarioi hoi ptokhoi tô pneumatí". A verdade da Vulgata, autor S. Jerônimo, mentalidade asiática, traz: "Beati pauperes spiritu".

Para o redator grego, espírito gnóstico, helênico, bem-aventurados são os mendigos (ptokhoi) do espírito, os que procuram por si a elevação intelectual e moral, o conhecimento superior que o levará, de vida em vida, à imanência divina. Para o redator latino, bem-aventurados são os pobres de espírito, os que não sabem, nem querem saber, os que entregam sua salvação a vontade dos guias, dos imperantes, dos dominadores e se abstêm de repetir ordens, doutrinas, dogmas, leis, submetendo-se a todas resignadamente, por espírito de humildade e renúncia.

O gnóstico não se conforma com a ignorância, a pobreza de espírito e mendiga esse espírito, procura-o aqui e ali até encontrá-lo. Se espíritos mais elevados lhe dão fragmentos, estilhas da ciência procurada, ele examina-os primeiro antes de aceitá-los.

Lutar contra o satrapismo individual e coletivo, tal a superior missão do paganismo délfico. Os assaltos asiáticos fo-

ram constantes, pertinazes, multimodos. A invasão de Xerxes foi apenas um complemento político das surdas tentativas seculares feitas pelas religiões.

Syrius - gnose dezembro de 1935

Saber e a Sabedoria

A luz da verdade lança seus raios à senda da vida; porém a Sabedoria nasce no interior do homem quando ele reconhece a Luz da verdade. A fé repousa no amor e o assento da Sabedoria é o Verbo interior, que fala a verdade no coração. A experiência é a mãe do saber; todo saber que não se apoia na experiência é tão somente como a história do pinto e do ovo. Se não existisse a galinha não haveria o ovo, e sem o ovo não haveria pintos. Da mesma forma um depende do outro, também na eternidade não há "primeiro" nem "último". Se reconheço o meu próprio Eu verdadeiro como Deus, somente sacrifico a mim mesmo sacrificado. Transcendendo as aparências chego ao conhecimento do verdadeiro Ser; porém para que possa renunciar a elas, é preciso que já possua certo grau de conhecimento. O que dá tudo está livre, desligado de todas as coisas, mas aquele que dá tendo por finalidade alcançar a Liberdade, não ganha nada, pois foi ainda movido pelo desejo de obter algo para si mesmo; somente a percepção da santidade da Liberdade dá ao homem o poder da renúncia e então essa Liberdade se converte numa força, que de outro modo não se poderia perceber.

O atributo se converte em força, a qual se pode perceber quando chega a nossa consciência. Um rei que não entende nada de seu reino, é incapaz de governar; o homem que não conhece sua dignidade esta bestializado. A consciência do estado em que se encontra cada um, dá a força

para desenvolver o atributo. A liberdade não está limitada em lugar algum; o Espírito livre está em toda a parte e pode atuar em qualquer lugar em que transponha sua consciência.

O corpo não pode participar dessa liberdade, estando ligado a um lugar e a um tempo; o espírito que obteve a liberdade está livre. Pela consciências da Liberdade se manifesta a justiça. Enquanto a alma se conserva presa a efeitos pessoais não poderá compreender a justiça que reconhece o direito de todas as criaturas, mas aquele que se elevou sobre tudo isso, que não está ligado a nada individual, reconhece a realidade tanto numa mosca como num elefante.

O alimento da liberdade é o amor, porque este fortalece para o conhecimento. O símbolo da liberdade se representa com a cruz, a qual significa o auto-sacrifício, a morte do material e a libertação do espírito por meio da união com a Divindade. Encadeada por meio dos sentidos presa pela ilusão do eu, a alma dorme e sonha, esquecida de sua origem divina, de sua pátria celestial, estando sujeita à mudança constante da vida e morte, até que, pelo domínio da ilusão, torne a despertar nela a consciência da realidade, desfazendo-se a envoltura que impediu a libertação.

O pressentimento dessa liberdade aparece quando começa a manifestar-se a força do conhecimento, da qual dimana a Fé, que é como a percepção fixa de um raio de luz que penetra através da névoa e cujo manancial é o Sol Central do universo.

Não é ainda o conhecimento perfeito, mas o principio do mesmo. Se a alma eleva-se em poder, isso não significa sabedoria. A ciência ou saber consiste nas aparências transitórias; a

sabedoria é o conhecimento da verdade eterna e imutável.

Sem este conhecimento, a ciência é um fragmento, não é verdadeira senão quando a base de seu saber é o conhecimento da realidade una e eterna. Pela revelação da verdade em nós nasce a Sabedoria, que é a força pela qual o universo se manifesta, pois se este não tivesse um fundamento real, não poderia existir de modo algum.

Muitos filósofos afirmam que o universo existe tão somente em sua concepção; porém minha concepção não altera em nada a existência do universo, do qual não conheço nada, a não ser que entra em minha concepção, conquanto que a realidade está ali, formem um conceito dela ou não. O que percebemos fisicamente não é por suposição mais que uma aparência, porém atrás dela está a realidade, pois de outro modo não existiria. A verdade é a luz, as formas as sombras. A Verdade é a Vida, e as formas um meio de manifestação. Pelo conhecimento da verdade, o qual é sabedoria, nasce do homem animal, transitório, um homem divino, imortal. Porém isso não se realiza pela teoria, mas com o manifestar-se em nós a luz do conhecimento pela ação. O universo é a "concepção" do espírito divino, e este espírito sou eu. Porém, enquanto não me reconheça como tal e tão somente me imagine como tal, o meu próprio ser, o meu "eu" não é mais que uma simples ilusão passageira.

Dr. Franz Hartmann – Gnose novembro 1936.

O destino do Ocultista

Desde o primeiro mês de minha chegada a Nova York comecei, por motivos misteriosos, mas talvez inteligíveis, a provocar ódio entre

aqueles que pretendiam ser dos meus melhores amigos e manter comigo boas relações.

Informações aleivasas, insinuações vis e indiretas pouco elegantes choveram sobre mim.

Mantive silêncio por mais de dois anos, embora a menor das ofensas que me lançaram fosse calculada para excitar a repugnância de pessoas com minha disposição. Consegui livrar-me de um número regular desses varejistas de difamações, mas achando que estava, atualmente sofrendo na estima de amigos cuja boa opinião me é valiosa, adotei uma política de exclusão. Por dois anos, meu mundo esteve restrito aos apartamentos que ocupo, e dezessete horas, em média, estive sentada na secretaria, tendo os livros e manuscritos por únicos companheiros. Durante esse tempo, muitas relações de alto valor foram encetadas com pessoas que me procuravam sem, entretanto, esperar pelo pagamento da visita. Sou uma velha e sinto necessidade de ar fresco como qualquer pessoa, mas minha aversão por esse mundo, caluniador e mentiroso, que se acha fora dessa fronteira dos países não civilizados e pagãos foi tal que, em sete meses, creio ter saído de casa apenas três vezes. Mas nenhum retiro é seguro bastante contra os caluniadores anônimos que se valem do Serviço Postal norte americano. Cartas inúmeras foram recebidas por amigos leais, contendo as calúnias mais imundas contra minha pessoa. Por várias vezes fui acusada de "alcoólatra", "Embusteira", "espiã russa", "espiã anti-russa", "de não ser russa, de aventureira francesa, de ter estado em cárceres destinados a ladrões, de ter assassinado sete maridos, de bigamia, etc. Outras coisas poderiam ser mencionadas, mas a decência não permite. .. Continua

H P. Blavatsky - Gnose novembro 1936 – publicação Nova York em 5/5/1877